

Foi precisamente há cem anos, completados em Outubro passado, que nasceu Rimbaud. Em França, o centenário foi comemorado de maneira espectacular. Convidaram-se escritores famosos do mundo inteiro para a peregrinação a Charleville, berço do poeta. As festividades adquiriram foros de acontecimento nacional. Quanto a Rimbaud, provavelmente deu uma volta na sepultura.

Desde a sua morte que têm sido traduzidas parcelas da volumosa obra de Rimbaud em muitas e variadas línguas, do turco ao bengali. Onde quer que haja ainda gosto pela poesia e pela aventura, o nome de Rimbaud constitui palavra-passe. Nos últimos anos, o culto rimbaldiano ganhou proporções espantosas, e a quantidade de publicações dedicadas à vida e obra do poeta aumentou vertiginosamente. Não há outro poeta da era moderna de quem se possa dizer que receba a mesma atenção e a mesma consideração.

Para além de *Uma Estação no Inferno* e das *Iluminações*, só um pequeno número de poemas acabou por ser traduzido para a nossa língua. Mesmo essas poucas traduções

revelam uma ampla e inevitável variedade de interpretações. Contudo, por muito que o seu estilo e o seu pensamento possam ser difíceis e inapreensíveis, Rimbaud não é intraduzível. Mas fazer justiça à sua obra é assunto diferente. Está por aparecer, na língua inglesa, o poeta capaz de fazer por Rimbaud o que Baudelaire fez pela poesia de Poe, o que Nerval fez por *Fausto*, ou o que Morel e Larbaud fizeram pelo *Ulisses*.

Gostava que ficasse claro que este pequeno estudo, escrito há dez anos, é resultado de uma tentativa falhada de traduzir, como eu entendo que se deveria traduzir, *Uma Estação no Inferno*. Continuo a alimentar a esperança de verter esse texto numa linguagem mais aproximada à «língua de preto» de Rimbaud. Os autores de *Really the Blues* ou um homem como Lord Buckley* andam mais próximos de Rimbaud, embora possam não o saber, do que os poetas que o incensam e imitam.

Só agora se começa a compreender o que Rimbaud fez pela linguagem, e não apenas pela poesia. E, creio bem, mais os leitores do que os escritores. Pelo menos, no nosso país. Quase todos os poetas franceses modernos foram influenciados por ele. Em boa verdade, pode dizer-se que a poesia francesa contemporânea tudo deve a Rimbaud. Até agora, porém, nenhum poeta conseguiu ir mais longe do que ele, nem na ousadia, nem na capacidade inventiva. O único poeta vivo capaz de me dar qualquer coisa que se aproxime do prazer e do entusiasmo que encontro em Rimbaud é Saint-John Perse (não deixa de ser curioso que os *Vents* tenham sido traduzidos aqui em Big Sur por Hugh Chisholm).

* Veja-se o álbum *Euphoria*, editado pelos Vaya Records.

O texto que agora se reedita surgiu em duas partes nos volumes anuais da *New Directions*, n.ºs 9 e 11. De então para cá, saiu em francês e em alemão. Uma e outra edições foram publicadas na Suíça, país que pareceria o menos apto a ser associado ao génio de Rimbaud*. Na presente edição, foi invertida a ordem das duas partes. Devo talvez acrescentar que inicialmente tinha a intenção de escrever mais dois capítulos, ideia que depois abandonei.

Acredito sinceramente que a América precisa, agora mais do que nunca, de se familiarizar com esta figura lendária (e o mesmo se poderia dizer de outro extraordinário poeta francês, Gérard de Nerval, que se suicidou fez agora em Janeiro cem anos). Atravessamos hoje um período em que a existência do poeta se encontra ameaçada como nunca esteve. Em boa verdade, é toda a espécie americana que corre risco de extinção.

Quando Kenneth Rexroth soube da morte prematura de Dylan Thomas, compôs um «memorial» intitulado *Thou Shalt Not Kill***. Escrito na exaltação do momento, longe de qualquer intenção de publicação, nem por isso deixou de ser imediatamente posto em circulação e de ser traduzido para várias línguas. Se se tiverem quaisquer dúvidas sobre o destino que a nossa sociedade reserva ao poeta, leia-se então esse «memorial» dedicado ao poeta galês que escreveu *Portrait of the Artist as a Young Dog*.

É indubitável que o estatuto e a condição do poeta — uso a palavra tanto em sentido amplo como em sen-

* A edição em língua francesa é de Mermod, Lausana, e a edição em língua alemã é do Verlag der Arche, Zurique.

** Publicado por Horace Schwartz, P.O. Box 503, Sunnyvale, Califórnia, 1955.

tido estrito — são reveladores do exacto estado em que se encontra a vitalidade de um povo. A China, o Japão, a Índia, a África, refiro-me à África *primitiva*, são sítios em que ainda é impensável a erradicação da poesia. Aquilo que claramente nos falta neste país, aquilo que nem sequer sabemos que nos falta, é o sonhador, o louco inspirado. Com que sinistra alegria, quando chega o momento de lhe tapar a campã, dedicamos a nossa atenção à «inadaptação» do indivíduo solitário, afinal, o único verdadeiro rebelde de uma sociedade podre! E, contudo, são exactamente essas personagens que dão sentido a essa palavra ultrajada: «inadaptação».

É assim que Maurice Nadeau, num artigo intitulado «Baudelaire politique», publicado em 25 de Janeiro de 1955 na revista *Beaux-Arts*, pode escrever: «*Dans Mon Coeur mis à nu il veut “faire sentir sans cesse (qu’il se sent) étranger au monde et à ses cultes”. C’est le monde de la bourgeoisie dont “la morale de comptoir” lui “fait horreur”, “un monde goulu, affamé de matérialités”, infatué de lui-même et qui ne s’aperçoit pas qu’il est entré en décadence, un monde que dans une singulière prophétie il voit de plus en plus “américanisé”, “voué à l’animalité”, “où tout ce qui ne sera pas l’ardeur vers Plutus sera réputé un immense ridicule”.*»*

Aquilo que mais impressiona nos maiores poetas do século XIX, e também do século XX, é o seu pendor profético. Ao contrário de Blake ou Whitman, cuja obra

* «Em *Mon Coeur mis à nu* Baudelaire quer “fazer sentir incessantemente (que se sente) estranho ao mundo e aos seus cultos”. É o mundo da burguesia cuja “moral de balcão” o horroriza, “um mundo ávido, esfo-meado de coisas materiais”, enfatuado, que não se apercebe da decadência em que entrou, um mundo que, numa singular profecia, Baudelaire vê cada vez mais “americanizado”, “votado à animalidade”, onde tudo o que não seja entusiasmo por Plutão será considerado um imenso ridículo”.» (N.T.)

está carregada do êxtase de uma visão cósmica, os poetas dos últimos tempos habitam as profundezas de uma floresta negra. A ameaça do milénio, obsessiva para visionários como Gioacchino da Fiore, Hieronymus Bosch ou Pico della Mirandola, e cuja iminência devia hoje ser mais suplicante do que nunca, foi substituída por uma escravidão perante o medo da aniquilação total. Face ao turbilhão de trevas e caos que se avizinham, verdadeira confusão ululante, os poetas de hoje põem-se em debandada, embalsamando-se a si próprios numa linguagem críptica que se torna cada vez mais ininteligível. E, à medida que assim se entrincheiram, os países que os viram nascer mergulham um após outro decididamente na condenação eterna.

Esta obra de assassinato, porque outra coisa não é, chegará em breve ao seu termo. À medida que a voz do poeta é sufocada, a história perde o seu significado, e a promessa escatológica irrompe sobre a consciência humana como uma nova e aterradora aurora. Só agora, à beira do precipício, é possível compreender que «tudo o que nos foi ensinado é falso». A prova desta afirmação devastadora é-nos dada todos os dias e em todos os domínios: no campo de batalha, no laboratório, na fábrica, na imprensa, na escola, na igreja. Vivemos inteiramente no passado, alimentados por pensamentos mortos, por credos mortos, por ciências mortas. E é o passado que nos devora, em vez do futuro. O futuro sempre pertenceu e há-de pertencer sempre... ao poeta.

É possível que Rimbaud, ao fugir ao mundo, tenha preservado a sua alma de um destino pior do que aquele que lhe estava reservado na Abissínia. É possível que *La Chasse spirituelle*, se alguma vez for trazido à luz, venha

a fornecer uma chave que ainda nos falta. É possível, quem sabe, que nos dê o elo entre *Uma Estação no Inferno* e aquele «Natal sobre a terra» que chegou a ser uma realidade para o adolescente sonhador.

Rimbaud descreveu, na linguagem simbólica da alma, tudo o que agora está a acontecer. Em minha opinião, não existe qualquer discrepância entre a visão que ele tinha do mundo e da vida eterna e a dos grandes inovadores religiosos. Fomos repetidamente exortados a criar uma nova visão do céu e da terra, a começar de novo, a deixar os mortos enterrarem os mortos, a viver como irmãos na carne, a fazer do «Natal sobre a terra» uma realidade. E fomos repetidamente avisados de que, salvo se o desejo de uma nova vida se tornar uma convicção profunda de cada um e de todos, a existência sobre a terra mais não poderá ser que um Purgatório ou um Inferno. A questão, a única questão que se nos depara é esta: por quanto tempo seremos capazes de adiar o inevitável?

Que palavras há a dizer, quando reflectimos um pouco e compreendemos que um simples rapaz foi capaz de sacudir o mundo pelas orelhas? Não haverá qualquer coisa de *milagroso* no aparecimento de Rimbaud neste mundo, tanto quanto no despertar de Gautama, na aceitação da cruz por Cristo ou na incrível missão libertadora de Joana d'Arc? Interprete-se a sua obra como se quiser, explique-se a sua vida como se entender, uma coisa é certa: não há maneira de o fazer desaparecer. O futuro pertence-lhe completamente, ainda que possa não haver futuro.

HENRY MILLER

Big Sur, Califórnia, 1955